

Nuno Grande

5.2. Investigação em projecto. Breves reflexões sobre uma sessão onde se relacionou teoria e prática

Tendemos, hoje, a defender a importância do ensino teórico e prático do Projecto de Arquitectura e do Projecto Urbano, no espaço universitário, não apenas como simulação do que será o exercício profissional do aluno, enquanto futuro arquitecto, mas também como seu instrumento de investigação e de indagação crítica, cívica e política sobre as realidades que o rodeiam. No entanto, a questão coloca-se: que meios temos, hoje, nas diferentes Escolas de Arquitectura, de “teorizar” sobre a Prática do Projecto e, simultaneamente, tornar a Teoria do Projecto mais “praticista”?

No momento do projecto confluem diferentes factores que condicionam a decisão dos alunos: projectar é muito mais que um processo “dedutivo” (método próximo da Ciência); mas é, também, muito mais do que um processo “indutivo” (este próximo da Arte). Arriscamos afirmar que se trata, na verdade, de um processo “abdução”, onde se misturam a “bagagem” teórica do aluno, as suas vivências, idiosincrasias, e os dados analíticos e sensoriais que cada um retira do programa e do lugar onde intervém.

Na sessão que coordenamos neste seminário, sobre a relação entre a teoria e a prática na disciplina de Projecto, Eduardo Fernandes, docente na Escola de Arquitectura da Universidade do Minho (EAUM), defendeu o que designa como “Investigação pelo Desenho”, aqui entendido sobretudo como “designio”; isto é, como formulação de “ideias sobre edifícios”, almejando, do ponto de vista pedagógico, que os seus alunos concebiam também “edifícios que são ideias”, para usar um trocadilho de Mark Wigley, citado na sua comunicação.

Outro participante na sessão, Pedro Fonseca Jorge, docente na escola Gallecia, contrapôs que a habitual relação vertical professor/aluno, no lançamento “dirigista” de um exercício de Projecto, se vem revelando criticamente insuficiente. Apresentando argumentos em prol de uma “relação horizontal”, em que professor e aluno se coloquem num plano de igualdade, este palestrante defenderia uma forma de investigação baseada na contínua argumentação e refutação de ideias pré-concebidas, sempre que impostas por qualquer um desses dois “actores” do processo pedagógico.

Pelo nosso lado, defendemos a necessidade de alimentar essa espécie de “indeterminação” apriorística, que transforma cada projecto num caso inusitado, com base na admiração que nutrimos pelo “pensamento desenhado” de Álvaro Siza. Com ele, aprendemos que “projectar” significa partir, de um modo generoso e crítico, do Universalismo que conforma a História da Arquitectura de todos os tempos – do Classicismo ao Iluminismo, do Funcionalismo ao Pós-modernismo –; percebendo como essa disciplina lhe (e nos) serve de alimento disciplinar, sempre pronto a ser “engolido” e “regurgitado” de modo absolutamente contemporâneo. Como costuma dizer Alexandre Alves Costa, lembrando-nos Fernando Távora: “Interpretar a História é também fazer Projecto”.

Na sua comunicação apresentada no seminário, Carmen Moreno, docente na Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Granada, alargou essa interpretação à História Social, lembrando-nos que num tempo de crise do capitalismo



tardio, e num mundo pós-“bolha imobiliária”, a arquitectura se deve deixar impregnar pelo seu contexto social e político, operando sobre as “ruínas” legadas pela anterior paisagem de abundância. Daí a necessidade de introduzir novas temáticas na docência do Projecto, que derivem do conceito de “reciclagem” dos espaços arquitectónicos e urbanos. Por fim, João Paulo Rapagão, Miguel Malheiro, João Paulo Delgado, docentes da Universidade Lusíada do Porto, trouxeram-nos exemplos práticos dessa integração entre o labor empírico necessário para a produção de um projecto pré-profissional e a profundidade da investigação teórica, defendendo uma relação integrada entre o Projecto Final e a Dissertação de Mestrado, nesse momento de maior maturidade na carreira de um aluno de Arquitectura.



Vivemos hoje, como bem nos lembraria ainda Eduardo Fernandes, numa fusão entre a realidade e a representação, algo que vai conduzindo a um imaginário discente onde parece existir cada vez mais informação, embora com cada vez menos “sentidos”. Ensinar os estudantes a perceber e a praticar o que designamos como “Universalismo Crítico” é dar-lhes a possibilidade de, como referimos antes, saberem “engolir” e “regurgitar”, de modo consciente, os objectos e as imagens que todos os dias absorvem, superficialmente, a partir da consulta de revistas, blogs, e sites – deste modo, contrariando o “efeito Archdaily”, para citar uma contínua fonte acrítica de “imagerie” arquitectónica, tão popular entre os alunos.



Ao munir os nossos estudantes desses vários instrumentos críticos, sugeridos pelas diferentes comunicações apresentadas no seminário – de ideias que se edifiquem, de argumentos que se refutem, de sentidos que sejam cada vez mais políticos (da Polis), e de investigações que saibam cruzar, de modo “abduutivo”, a memória e o empirismo – estaremos, sem dúvida, a construir pontes mais seguras entre a teoria e a prática do Projecto, e a crescer – nós e eles –, enquanto arquitectos e cidadãos.

